

MEMÓRIA, SENILIDADE E MUSEU: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO-RS

MEMORY, SENILITY AND MUSEUM: THE CASE OF MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO-RS

Gabriela Ramos Figurelli*

Diego Lemos Ribeiro**

Andréa Cunha Messias***

RESUMO

O processo de envelhecimento é inevitável e universal. O que parece incomum, no entanto, especialmente em sociedades ocidentais, é a percepção do papel que pode assumir a memória dos idosos como referência basilar para vida em sociedade. Por serem escassos os relatos de ações museológicas que envolvam pessoas idosas, e ao atentar para o papel da museologia na discussão da senilidade, o presente ensaio busca expor as primeiras experiências orientadas aos senis, desenvolvidas pelo Museu Histórico de Morro Redondo, no Rio Grande do Sul (BR). Conjuntamente à descrição das ações, o ensaio propõe-se a refletir sobre memória, velhice, identidade, museu, senilidade, patrimônio, protagonismo e vida, provocando questionamentos sobre as perspectivas teórico-metodológicas da museologia.

Palavras-chave: Museu. Idoso. Senilidade. Memória. Comunidade.

ABSTRACT

The aging process is inevitable and universal. What seems unusual, however, especially in Western societies, is the perception of the role that the memory of the elderly can assume as a basic reference for social life. Because they are scarce reports of museological actions involving older people and reflect on the role of museology in the senility discussion, this paper exposes the first experiences aimed to senile, developed by Museu Histórico de Morro Redondo. In conjunction with the description of the actions, the article proposes to reflect on memory, old age, identity, museum, senility, heritage, protagonism and life, leading to questions about the theoretical and methodological perspectives of museology.

Keywords: Museum. Elderly. Senility. Memory. Community.

* Bibliotecária, doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa), pesquisadora e professora visitante desta Universidade.

** Museólogo, doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Adjunto do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas e coordenador do Projeto de Extensão “Museu Morro-Redondense: espaço de memórias e identidades”.

*** Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (BA), graduanda do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (RS) e voluntária no Projeto de Extensão “Museu Morro-Redondense: espaço de memórias e identidades”.

Nós somos o que lembramos e o que contamos sobre nós. E para contar sobre nós, precisamos fazê-lo coletivamente, compartilhando vivências e experiências, tornando nossa memória relacional com o espaço, com outras pessoas, com outros tempos. No entanto, contrariamente a este entendimento, em nossa sociedade ocidental, à medida que atingimos a velhice, deixamos de ser escutados, numa demonstração de desvalorização das experiências de vida. Assumindo que o museu tem compromisso com a memória, seria este então o cenário oportuno para proporcionar falas e escutas que fortalecem o patrimônio de cada um de nós, o que significaria dizer que, quando damos ouvidos e autonomia aos idosos, celebramos a vida.

A partir dessas considerações, o presente ensaio propõe-se a refletir sobre o papel da museologia na senilidade, justamente por entender que pensar em museu é pensar em gente e que as ações museais tem um único endereço: a preservação de pessoas. Tendo como objetivo discutir o impacto da relação idoso, memória e museu, assumindo o potencial existente no espaço museológico para seu uso terapêutico junto às pessoas idosas e, pelo seu caráter exploratório, o ensaio abre campo para a reflexão interdisciplinar. Reúne considerações e questionamentos que versam sobre memória, velhice, identidade, museu, senilidade, patrimônio, protagonismo e vida. Questionamentos estes que deram origem às ações museológicas que buscam potencializar a rememoração de experiências individuais e afetivas de um grupo de idosos, evidenciando os possíveis benefícios trazidos para a saúde mental destes. Ações museológicas que alimentam o pensamento e estimulam novos questionamentos e novas práticas, reflexos de uma museologia mais humanitária, comprometida e focada no ser humano.

Memória, senilidade e vida

O campo da museologia tem hoje um irrigado e fértil terreno para discutir o papel dos museus na contemporaneidade. As abordagens, concepções, filiações teóricas e laços interdisciplinares são tantos, que parece uma via-crúcis confeccionar uma cartografia fiel da área em toda sua complexidade, extensões e invasões aduaneiras. Seria, valendo-se do eufemismo, no mínimo audacioso circunscrever o campo em um breve ensaio; mas arriscamos voltar às bases para

cotejar o óbvio, de sorte a colocá-lo em contexto com as questões que tangenciam a memória e a senilidade.

Parece-nos elementar e irrefutável que o museu (o “logos” e não a “grafia”) tem compromisso com a memória social. Incontestemente também é o interesse em salvaguardar referências patrimoniais, em suas mais distintas manifestações – material, imaterial, móvel ou imóvel. A área ocupa-se, igualmente, e tecendo as duas considerações acima, em compreender a relação entre as pessoas (atores sociais), o objeto (referências patrimoniais/gatilhos de memórias) em um cenário (contexto de ação). Embora ocioso para muitos profissionais de museus, parece-nos relevante demarcar esse campo de pensamento e ação.

Mas, menos elementar é a seguinte questão: a quem serve essas ações preservacionistas? Às pessoas. Em termo, pensar museu é pensar em gente. Não trata-se de um discurso iconoclasta, como uma ode às coleções confiadas aos museus. Trata-se, sim, de contestar a ideia, que ainda paira sob a cabeça de muitos profissionais de museus, de que o sentido de preservar repousa nos objetos (em sua dimensão física). A práxis e o pensamento museológico não são um fim em si mesmo. Necessário é, nesse sentido, fincar uma estaca fundamental: as ações museais tem um único endereço, que é a preservação de pessoas.

Quando colocamos em perspectiva o termo “pessoas”, “gente”, interessa-nos, no escopo deste artigo, compreender a relação entre pessoas idosas e a memória, para em seguida colocar esses conceitos na mesma trama do campo museológico.

Do ponto de vista fisiológico, a memória pode ser compreendida como uma faculdade biológica construída neurologicamente, tendo como matriz a experiência. São as experiências que, de algum modo, são armazenadas no sistema nervoso complexo do ser humano. (IZQUIERDO, 1989). A memória e o aprendizado, em última análise, guardariam função vital no indivíduo, na medida em que é por esta conjunção que “aprendemos a caminhar, pensar, amar, imaginar, criar, fazer atos-motores ou ideativos simples e complexos, etc.; e nossa vida depende de que nos lembremos de tudo isso. (IZQUIERDO, 1989).

Ainda para o autor, o acervo de memórias registradas no cognitivo faz com que sejamos um ser para qual não existe outro idêntico. Abre-se campo, portanto, para pensarmos que a formação do indivíduo, para si e socialmente, dá-se por intermédio da

memória. Dito de outra forma, “o passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem podemos ser”. (IZQUIERDO, 2011, p.11).

Por esse viés, a memória pode ser considerada como os fios com os quais os indivíduos e as identidades são tecidos juntos, ao mesmo tempo que os projeta e os molda em teias sociais mais complexas. Amamos, criamos, pensamos, em suma, vivemos, porque lembramos e narramos quem somos, ou quem gostaríamos de ser. Obliterar ou simplesmente negligenciar a saúde mnemônica implica em risco de vida – a perda da alma – mesmo que o corpo continue pulsando. Os museus, como lugares de celebração da memória, seriam, por esse turno, lugares de homenagem à vida, e não receptáculo da morte.

O conceito de memória pode ser deslocado, na mesma medida, para o contexto da memória coletiva. Desta mirada, Halbwachs (1990) compreende a memória como fenômeno social, mesmo porque o sujeito nunca está sozinho. Essa afirmativa nos faz pensar que a construção do indivíduo só pode ser compreendida em contexto, de um prisma relacional, indissociável, portanto, das expressões culturais. Permite-nos pensar, também, que a construção, reconstrução e evocação das memórias e a própria arquitetura das narrativas, ganham sentido quando realizadas em comunhão com outras pessoas, em sinergia com suas extensões materiais e simbólicas (cultura material), inseridas em um cenário propício para este fim. O exercício da memória, assim, ganha potência ao ser trabalhada de forma solidária.

Quando entram na senilidade, as pessoas tendem ao afastamento, à exclusão dos processos sociais, gerando forte reflexo na (re)formatação das identidades. Esse processo de destacamento das teias sociais pode ser resultado de múltiplos fatores: o caráter descartável que assume o idoso quando pensamos a liquidez da modernidade (BAUMAN, 2001), fatores ligados à saúde física e mental (em especial os fatores degenerativos da cognição), questões associadas à baixa renda e escolaridade, dentre outros aspectos que estão amalgamados nesse quadro. As rotas de reversibilidade desse cenário é essencialmente interdisciplinar, anelando múltiplas áreas da saúde, além de áreas já clássicas que tratam da senilidade, como a assistência social.

A questão da identidade do idoso quando observada pela ótica da memória ganha renovada acepção. Do prisma sócio-antropológico aceitamos que a memória transpassa a questão objetiva (do hardware) e a própria ludicidade, embora encontre apoio ambos. Concordamos com Bosi (1994) quando afirma que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p.55). Segue a autora: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p.55). O trabalho de memória na velhice desempenha, portanto, distinta função social. E sendo os museus lugares que por excelência animam os “materiais” que são postos à nossa disposição no presente, essas reminiscências musealizadas “[...] são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”. (THOMSON, 1997, p. 57).

E qual papel pode ter a museologia na discussão da senilidade? Depende. Se permanecermos focado nos objetos, pouco. Se assumirmos a dita função social e humanitária da área, como agenciadores de memórias e patrimônios, muito. A ação museológica deve ser canalizada e orientada às pessoas, e na perspectiva deste ensaio, aos idosos, para que dessa forma possam explorar novas identidades e buscar se relacionar de forma mais frutífera com os jovens e outros idosos. Esse trabalho de memória, tendo como cenário o museu, tem a potência de tirá-los do isolamento mesmo quando cercado de pessoas; do silêncio mesmo quando estão em um lugar de múltiplas vozes; e, por este turno, tirá-los da morte mesmo que cercados de vida.

A rigor, a função da memória no campo museológico assume função vital, no sentido estrito da palavra. Em outros termos, memória é vida. Por associação, se os museus encontram sentido na preservação da memória, o que se preserva na relação entre objeto (bens culturais) e o ser humano (sujeito social) é a própria vida. Não se trata de jogo de palavras ou verbosagem: queremos dizer, nesses termos, que o museu tem responsabilidade de salvaguardar a vida humana.

Fazendo um necessário exercício de aproximação e afastamento, destacamos algumas questões que

se fazem necessárias: 1. o campo da museologia ganha sentido humanista e terapêutico quando oferecemos a oportunidade de escuta e estímulo ao trabalho de memória; 2. a museologia deve reorientar seus esforços no sentido de transpor os objetos para alcançar as pessoas “de carne e osso”, observando o sentido político e social da memória; 3. o fato museal é um fenômeno essencialmente mnemônico e cultural, que se manifesta na relação entre os sujeitos e os bens (cultura material), e é tecido na malha da comunicação social.

Memória, museu e terapia

Perceber os idosos como fontes de informação e conhecimento fundamentais para a sociedade, tendo as suas memórias como referenciais basilares da vida em comunidade, e suas histórias de vida como patrimônio imaterial local, é reconhecer a relevância de envolvê-los no processo museológico, valorizando a experiência, os saberes, a vida, respeitando o processo - natural, gradativo e contínuo - de envelhecimento a que todo ser humano está exposto. Promover o trabalho com memórias que revelem a identidade dos idosos e contribuam para a compreensão do patrimônio cultural é colaborar para a valorização do humano na questão patrimonial.

No entanto, são escassos os relatos de ações museológicas que envolvam pessoas idosas, especialmente aquelas que apresentam características de senilidade. E em menor número, quase raros, são os estudos que se propõem a discutir o impacto da relação idoso, senilidade, memória e museu, tendo o espaço museológico enquanto uso terapêutico para este grupo específico.

A literatura médica caracteriza a senilidade como um processo natural de envelhecimento manifestado em pessoas idosas que apresentam alterações no sistema neurológico, cardiovascular, respiratório, urinário, imunológico, motor, sendo acompanhado de uma desorganização mental que provoca limitações em decorrência da perda de memória - sendo a Doença de Alzheimer apenas uma das causas. Como tratamento coadjuvante da senilidade, a literatura médica concorda que a utilização de atividades simples para estimular a memória - o diálogo frequente, a visualização de fotografias e de imagens de vídeo nas quais o paciente é estimulado a trabalhar as informações no

cérebro - podem ser bastante significativas para esmaecer (ou controlar) esses sintomas.

Pesquisas que investigam memória em idosos evidenciam o grande potencial que a rememoração de lembranças, a ativação de memórias, podem ter para a saúde mental dos idosos (BEZERRA; LEBEDERFF, 2013). No mesmo sentido, diversos profissionais que estudam o fenômeno de formação da memória individual demonstram que perdas de memória causam perda do sentimento de identidade pessoal, já que é difícil distinguir memória e identidade. Outro aspecto comentado pelos estudiosos do assunto, diz respeito à atuação da memória como mecanismo de reforço ou de enfraquecimento do sentimento de identidade - conforme explana o antropólogo Joël Candau (2009),

“Em caso de perda de memória, é um pouco de nós mesmos que acreditamos perder. Quando nossa memória se torna irremediavelmente falha, sob suas formas individuais tal como problemas mnésicos severos associados às doenças neurodegenerativas (mal de Alzheimer, Huntington, Parkinson), ou sob formas coletivas que se crê legítimas, a amnésia é então acompanhada de um sentimento de perda de identidade (pessoal ou coletiva). Há, poderíamos dizer, uma perda da essência ou mais exatamente, a representação (pessoal ou coletiva) de uma perda da essência”. (CANDAU, 2009, p. 46)

Ao pensar a respeito dos resultados negativos que a perda da memória costuma provocar aos senis e buscar referências sobre os benefícios trazidos pela visita a museus para pacientes portadores da Doença de Alzheimer, obteve-se a informação de que a visita aos museus pode retardar o desenvolvimento da doença, conforme afirma o diretor do Centro de Medicina do Envelhecimento da Universidade Católica de Roma, Roberto Bernabei (2011):

“Levar os pacientes a locais onde se mostra a beleza é também uma maneira de comunicar ao doente que ele não está segregado e que embora sua mente vacile, pode continuar sua vida” (BERNABEI, 2011).

Também direcionado aos portadores da Doença de Alzheimer e seus cuidadores, o Museo Etnológico na cidade de Ribadavia, na Espanha, oficializou em 2006 o projeto ‘Lembrar no Museu’. Um conjunto de ações que parte das motivações e interesses dos participantes, buscando traçar relações entre suas memórias e as coleções do Museu, num processo

gradual de respeito ao tempo de cada um, tendo o cuidado para que as recordações não sejam traumáticas. Trabalhando diversos elementos e temas, muitos deles trazidos pelos próprios participantes, numa valorização à diversidade dos sentidos e patrimônios, o Museu acredita que:

“El poder de evocación de determinados objetos ligados a oficios en vías de extinción, podía tener un importante valor terapéutico. Estos elementos debían provocar los sentidos y desde esa provocación se deberían recordar experiencias de vida. Todo ello unido también al intento de buscar nuevos campos de socialización y un respiro familiar para los enfermos y sus cuidadores.” (ARMADA, 2006, p. 110)

Outro importante contributo para esta reflexão chega através da Psicologia. Diversos são os estudos que analisam o impacto da terapia de reminiscência quando utilizada junto a grupos de idosos que apresentam sinais de senilidade. A reminiscência, enquanto estratégia estruturada de intervenção na velhice, consiste num processo psicológico de recuperação de experiências pessoais, vividas no passado que são utilizadas para fins terapêuticos (LOPES; AFONSO; RIBEIRO, 2014). Um processo mental que se constitui na evocação de acontecimentos localizados no passado e implica na recuperação de memórias autobiográficas significativas dos envolvidos.

Em revisão de literatura organizada por Lopes, Afonso e Ribeiro (2014) os investigadores localizaram 28 estudos que analisaram o impacto das intervenções de reminiscência junto aos idosos. Dentre os dados mais expressivos dos estudos, destaca-se que o impacto da reminiscência ao nível do comportamento, analisado em 16 estudos, indicou melhorias comportamentais em 11 investigações, tais como a diminuição do distúrbio social, a apatia, o aumento da participação ativa, da participação social, da ingestão de alimento e da concentração e atenção. Relativo ao humor, o impacto da terapia de reminiscência foi verificado em 6 estudos, sendo que 3 investigações constataram melhoria significativa desta variável após o uso de reminiscência. A dimensão comunicacional foi analisada em 5 estudos, sendo que 4 destes apontaram avanços na comunicação, nomeadamente ao nível da comunicação não-verbal e da interação pessoal, além de melhorias significativas ao nível da

linguagem, mais especificamente na fluência verbal (LOPES; AFONSO; RIBEIRO, 2014).

São diversos os estudiosos a enfatizar que a terapia de reminiscência ajuda a promover a auto-estima, aumentar o bem-estar e a satisfação de vida, além de prevenir o surgimento de sintomas relacionados à depressão (WANG, HSU, CHENG, 2005; ARKOFF, MEREDITH, DUBANOSKI, 2004; CAPPELIEZ, O'ROURKE, CHAUDHURY, 2005; LIN et al, 2003; JONES, BECK-LITTLE, 2002 apud GONÇALVES, ALBUQUERQUE, MARTÍN, 2008). Informações que caracterizam a terapia de reminiscência como uma ferramenta útil para trabalhar com idosos, uma vez que promove competências para lidar com o cotidiano, proporcionando fundamentos para intervenções comunitárias, favorecendo o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos (GONÇALVES, ALBUQUERQUE, MARTÍN, 2008).

As informações apresentadas sugerem um impacto positivo da terapia de reminiscência quando utilizada junto aos idosos, guardados os devidos cuidados em sua utilização. Contudo, Lopes, Afonso e Ribeiro (2014) destacam a falta de investigações metodologicamente consistentes, com estudos experimentais, amostras alargadas, critérios de inclusão definidos e desenhos longitudinais que permitam conclusões consistentes sobre os efeitos desta intervenção (LOPES; AFONSO; RIBEIRO, 2014). Um fato que não invalida a reflexão que se propõe sobre a fecunda relação entre idosos, memórias e museus. Reflexão que sugere o desenvolvimento de ações que estimulem a recordação, na valorização das experiências vividas, das emoções sentidas, dos saberes construídos, das histórias afetivas, das relações significativas e que reforçam a ideia do sujeito como agente da memória, produtor de cultura e conhecimento. Ações que também promovem a interação de um grupo, em que seja estimulada a participação, a partilha, a socialização, a sensação de acolhimento e pertencimento e que ressalta o entendimento do indivíduo como ator social que influencia o seu meio. O relato que se segue pretende ilustrar estas reflexões e promover outras tantas que vão ao encontro de atuações museológicas que buscam, sobretudo, oferecer momento de escuta e estímulo ao trabalho de memória visando salvaguardar a vida.

Memória, idosos e protagonismo

No intuito de desenvolver ações que potencializem a rememoração de experiências individuais e afetivas através da partilha e socialização das memórias, o café é posto na mesa. E por iniciativa dos próprios protagonistas. A ação intitulada ‘Café com Memórias’ é uma das diversas atividades promovidas pelo Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) que deseja aproximar o museu da comunidade e impulsionar o protagonismo dos atores-sociais locais. Esta atividade, especificamente, pretende contribuir para o bem estar dos moradores idosos, através de momentos que os reúnam para compartilhar suas experiências de vida relacionadas com a história do município de Morro Redondo, e assim valorizar suas trajetórias de vida enquanto patrimônio desta comunidade.

Promovido pela parceria entre o Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Conselho Municipal de Idosos, a Associação de Aposentados, a Associação Amigos da Cultura e o Projeto de Extensão ‘Museu Morro-Redondense: espaço de memórias e identidades’ vinculado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas; a ação ganha força e forma a partir da adesão do grupo de idosos. Esta adesão, manifestada no engajamento, nas sugestões e contribuições que dão o tom na organização dos encontros, revela a apropriação da iniciativa por parte dos participantes e sinaliza o protagonismo pretendido com esta ação.

Situado no sul do Rio Grande do Sul, o município de Morro Redondo tem sua população constituída por aproximadamente 6.227 pessoas, distribuída em uma área de 244,64km² e apresenta densidade demográfica equivalente a 25,45 hab/km² (IBGE, 2015). Formada por diversos grupos, a população atual reúne descendentes dos índios guaranis, quilombolas, açorianos, pomeranos e italianos que se dedicam majoritariamente à agricultura familiar e indústria de beneficiamento de alimentos.

Os dados do último censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que em 2010 a população idosa em Morro Redondo era composta por 596 pessoas do sexo masculino e 709 do sexo feminino, perfazendo, naquele ano, um total 1305 idosos residentes no município, correspondendo a 20,96% da população local. Esse

índice ressalta a necessidade, a pertinência e a oportunidade do Museu Histórico de Morro Redondo planejar e desenvolver ações voltadas a esse público.

Assim, considerando a importância da comunidade idosa no contexto local, surge o questionamento que movimenta todo esse processo: como o Museu pode assegurar acessibilidade a estes sujeitos? Levando em consideração que o foco das ações do presente artigo não está centrado na acessibilidade física - tendo em vista que a mesma já está prevista no projeto de reformulação do espaço físico da Instituição -, mas sim na acessibilidade cognitiva e atitudinal deste público, buscam-se estratégias capazes de fortalecer a memória e potencializar nos sujeitos da ação a sensação de acolhimento e, conseqüentemente, contribuir para a elevação da autoestima tão prejudicada nos quadros de perdas de memória e frequentemente observada na população senil.

Esta oportunidade de atuação junto à população idosa da cidade encontra ressonância na própria iniciativa de criação do Museu, bem como na constituição do seu acervo museológico. Os moradores desejavam criar um museu comunitário no município de Morro Redondo que pudesse exibir e salvaguardar objetos de uso cotidiano presentes no lar, no trabalho e no lazer dos indivíduos e que fossem portadores de significados para a memória histórica local (MANKE, 2004). Com base nestas motivações, o Museu Histórico de Morro Redondo foi criado por iniciativa de três senhores, conforme afirma Lautenschlager ([et al.], 2012):

“Os primeiros passos do Museu, (...) tem como protagonistas, sobretudo, três moradores da cidade: Osmar Franchini, Ervino Büttow e Antônio Reinhardt. De forma pioneira, sensibilizados com as questões patrimoniais, estes senhores iniciaram um processo de sensibilização da população local no sentido de ressaltar a necessidade de representar a história de Morro Redondo, por intermédio de um Museu, tendo como referência objetos de uso cotidiano presentes no lar, no trabalho e no lazer. Por meio de uma solicitação na rádio local, o Sr. Osmar, na época radialista, convidou a todos os moradores do município a doarem objetos para compor o acervo do Museu. Um desses moradores foi Ervino Büttow, o qual possuía um pequeno museu em sua residência, resultando na doação de muitos objetos. A relação entre os Srs. Ervino e Osmar motivou a inserção de um terceiro integrante, Antônio Reinhardt, que culminou na composição da Associação de

Amigos da Cultura, criada no dia 30 de novembro de 2007 (LAUTNSHLAGER [et al.], 2012, p. 1).

O desejo de memória dos moradores fez com que, no ano de 2009, a Associação Amigos da Cultura buscasse o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas para firmar uma parceria no sentido de obter apoio técnico e científico, fortalecendo o olhar museológico já presente na comunidade Morro-Redondense. A partir deste convênio, o Museu passou a adotar critérios ligados à práxis museológica, respeitando e incentivando a participação da população, priorizando o diálogo com os parceiros e visitantes do Museu, buscando comunicar o valor simbólico que os objetos do acervo possuem para a comunidade.

A inauguração da exposição temporária intitulada os ‘Bailes ocorridos no Município em épocas pretéritas’ e a ‘Roda de Conversas no Museu’ foram outras duas iniciativas que tiveram os idosos como protagonistas. Essas ações, que contaram com a participação ativa dos idosos desde a concepção e planejamento até a execução final das ações, reuniram participantes de diferentes bandas locais, culminando numa apresentação musical dentro do espaço museológico. A mediação foi realizada pelos próprios idosos e causou emoção aos que participavam. Entre saberes, músicas, danças e a degustação do tradicional café colonial servido habitualmente nos antigos bailes em Morro Redondo, a partilha reuniu idosos e crianças, numa iniciativa de valorização aos costumes e vivências locais.

Legenda: Interação entre diferentes gerações, através da música



Fonte: Andréa Cunha Messias.

A interação dos idosos e senis com o público espontâneo durante esse evento demonstrou que o Museu funciona como um espaço de diálogo, de trocas e, sobretudo, de rememoração e sentimentos. A emoção refletida no semblante de um senhor senil ao tomar a esposa pela mão e bailar com ela pelo Museu, ao som da banda, assim como o momento em que este reconheceu sua imagem em uma exibição referente à ‘Caminhada da Percepção’, correndo para chamar os amigos para vê-lo, demonstra a potencialidade que os museus possuem de encantar e emocionar.

A intensa doação e o empréstimo de objetos para a montagem da exposição; o compartilhamento das memórias individuais relacionadas aos bailes e à paisagem cultural do entorno do Museu – percebida pela comunidade como patrimônio local – o olhar patrimonial que aguçou o desejo de memória dos participantes em relação à história do seu município, foram alguns dos resultados imediatos, observados no decorrer das iniciativas relatadas.

Em decorrência da constatação do elevado índice populacional de idosos no município, atrelado ao fato de um dos fundadores (e assíduo frequentador do Museu), o Sr.A.R., apresentar problemas relacionados à perda de memória ocasionada pela senilidade, as iniciativas promovidas pelo Museu Histórico de Morro Redondo assumiram a preocupação com o fortalecimento e a salvaguarda das memórias dos moradores idosos.

É oportuno relatar episódios que envolvem este senhor e que, além de justificar a realização destas iniciativas, motivam e ilustram as reflexões e compreensões reunidas neste ensaio. Em determinada ocasião, o referido senhor, ao olhar objetos do acervo museológico cuja biografia lhe era tão familiar e acessível mas que no momento atual não era mais, apontava para a própria cabeça e afirmava: “Sei que está tudo aqui dentro, em algum lugar, mas não consigo acessar” (informação verbal)¹. Para narrar a biografia dos objetos que ainda estão acessíveis em sua memória, o senhor mencionado costuma segurar os objetos expostos e encenar o seu uso, descrevendo histórias familiares, práticas comuns em outros tempo, momentos da sua infância e adolescência vivenciadas no município. A necessidade do manuseio do objeto induz à reflexão sobre a importância de permitir o toque no acervo

¹ Entrevista concedida por A.R. à Andrea Messias, em 9 de abril de 2015.

museológico em determinadas circunstâncias, como ponto de partida para a evocação e o compartilhamento de memórias que, por conseqüência, leva a questionar as práticas preservacionistas adotadas pelos museus.

A importância do acervo contido no Museu Histórico de Morro Redondo como evocador de memórias foi observada também na reação de moradores idosos durante as atividades de pesquisa que embasaram a exposição sobre os bailes ocorridos no município. Por conter objetos relativos às bandas de músicas que tocavam nos bailes ocorridos em diversas Sociedades e salões locais, a equipe do projeto de extensão iniciou uma série de entrevistas com os moradores mais idosos em suas residências. Através da coleta de depoimentos do uso das fotografias destes objetos, foi possível registrar as memórias evocadas e estimular a comunidade a montar uma exposição sobre o tema. Ao final das entrevistas, foi recorrente a manifestação feita pelo Sr. Müller, um morador aposentado:

“É muito importante vocês virem até a nossa casa buscar estas histórias. Vocês ajudaram a gente lembrar de coisas que, aparentemente, já estavam esquecidas.” (informação verbal)²

A sucessão dessas ações, promoveu a realização de atividades que contribuíssem diretamente para a rememoração de narrativas de vida e pudessem auxiliar na fixação da memória, através da vivência de momentos prazerosos oferecidos aos idosos e aos senis que moram no município. Deste modo, o primeiro “Café com Memórias” aconteceu em dezembro de 2015, quando os idosos participantes desfrutaram de uma tarde de partilha de histórias e experiências que teve como tema ‘a dificuldade de obtenção de água durante os primeiros anos de formação do município’. A escolha do tema, feita pelo grupo, serviu de pano de fundo para evocar práticas e costumes locais, como encontrar lençóis freáticos utilizando-se uma forquilha de vime e utilizar-se do ‘banho tcheco’ em que apenas as ‘partes essenciais’ eram lavadas.

Legenda: Mediação feita pelos próprios moradores



Fonte: Andréa Cunha Messias.

Dando prosseguimento aos exercícios de fortalecimento das memórias, o segundo ‘Café com Memórias’ ocorreu no dia 11 de março de 2016. Neste segundo encontro, optou-se por levar objetos do próprio acervo museológico relacionados à temática água, escolhida previamente pelos idosos. Esta opção conecta-se ao alerta de estudiosos e praticantes da terapia da reminiscência que apontam para a necessidade de haver cautela na seleção da temática abordada em grupo, uma vez que memórias evocadas remetem a contextos que tanto podem ser felizes como traumáticos.

As ações foram mediadas a partir de quatro objetos: um regador, uma roldana, um balde e um plantador de grãos. Durante as narrativas, houve grande atenção à linguagem corporal dos envolvidos e aos sinais expressos pelo grupo, bem como o acompanhamento e o desenvolvimento das conversas para intervir, caso estas se encaminhassem para contextos traumáticos. De forma espontânea e totalmente descontraída os participantes rememoraram diversos fatos que remetem a outros tempos e outras práticas. “Além de regar mudas de cebola o regador era utilizado para molhar as roupas e clareá-las. As roupas eram estendidas na grama, lado a lado, e eram regadas” (informação verbal)³. “Para clarear as roupas usava-se anil – um pó azul que deixava tudo bem branquinho. Colocava o anil na água e a água ficava azulada e com perfume gostoso. Estou até lembrando

² Entrevista concedida por B. Müller à Susan Garcia, Anderson Passos e Andrea Messias, em 15 de abril de 2015.

³ Entrevista concedida por Antonio Reinhardt à Andrea Messias, em 11 de março de 2016.

do cheiro. Nós não lavávamos roupa todos os dias” (informação verbal)⁴. “Não existia sabão em pó. Nós fazíamos o sabão em barra utilizando gordura e soda cáustica. A gordura fervia com a soda cáustica para fazermos o sabão” (informação verbal)⁵. “Fui convidado pelo Dr. Mário Tunes, um médico daqui, para construir o tanque para as pessoas pegarem água, pois tinha uma vertente maravilhosa lá. Fizemos o tanque, colocamos azulejos e torneira. A intenção era que as pessoas retirassem água de lá e levassem para as suas casas. Mas dois meses depois de construído, tinha gente tomando banho nele. Ele não fora construído para isso. Era para carregar água para as casas, pois nós não tínhamos água boa em casa. Hoje, o tanque está no meio do mato” (informação verbal)⁶.

As ações em Morro Redondo prosseguem. Acompanhadas pelas aproximações, discussões e questionamentos que se multiplicam e alimentam o fazer museológico a partir da memória dos idosos. Tendo como foco o diálogo intergeracional e o despertar do olhar patrimonial, a ‘Caminhada da Percepção’, foi realizada pela primeira vez em maio de 2015. Ao aproximar, em uma mesma ação, um grupo de alunos e um grupo de idosos a atividade obteve resultados positivos e foi repetida utilizando diferentes paisagens da Cidade.

Memória, musealização da ausência, idosos

A partir da ‘Caminhada da Percepção’, as crianças foram conduzidas pelas memórias dos idosos a um cenário imaginado, a uma realidade que era, até o momento, imperceptível ao olhar dos jovens. Pela lente dos idosos, e consubstanciados pela encenação das narrativas criadas pelos idosos, diversos estratos semânticos começaram a se tornar manifestos. Os valores, histórias e memórias que estavam em latência no espaço começaram a ser animados, no sentido que ganha vida.

“É a linguagem que engendra o invisível. Fá-lo porque permite aos indivíduos comunicarem reciprocamente os seus fantasmas, e transformar assim

num facto social a íntima convicção de ter tido um contacto com algo que jamais se encontra no campo do visível. Além disso, o simples jogo com as palavras acaba às vezes por formar enunciados que, embora compreensíveis, designam todavia algo que nunca ninguém viu. Sobretudo, a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. Não só permite, mas obriga, ou melhor, leva inevitavelmente a fazê-lo de uma maneira absolutamente natural e espontânea. A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto de enunciados que falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão.” (POMIAN, 1984, p.68)

A partir desta ação a própria rua em que se localiza o Museu passou a ser tratada como um ‘objeto’ em processo de musealização. Por esta lógica, uma rua-documento. Ao caminharem juntos, em um percurso que é feito diariamente por muitos alunos até a Escola, foi possível partilhar relatos, conhecer histórias, compreender significados e perceber que aquela praça, as residências, os estabelecimentos comerciais, os antigos salões de bailes, o cemitério, a Igreja e o próprio Museu carregam muitas memórias de outras gerações. Em outros termos, os jovens conseguiram calibrar a lente patrimonial, de sorte a enxergar as camadas simbólicas que subjazem nesses locais, que, sem a presença dos idosos, não seria possível apreender.

A segunda ‘Caminhada da Percepção’ aconteceu em maio de 2016, por ocasião da 14ª Semana dos Museus, na qual duas turmas de alunos provenientes da rede pública de ensino no Município tiveram a oportunidade de conhecer a Praça da Emancipação, localizada no Centro da Cidade. Utilizando o mesmo *modus operandi*, os jovens observaram a paisagem pela lente criada pelos idosos.

Após os relatos a respeito da construção da Praça Emancipação, de como era a paisagem natural no entorno, da modificação das edificações e dos lugares que só estão salvaguardados nas memórias dos idosos, as crianças puderam perceber as transformações sofridas no espaço ao longo do tempo. A inquietação das crianças em relação às mudanças na paisagem despertou a necessidade de o Museu trabalhar com

⁴ Entrevista concedida por Verônica Krause à Andrea Messias, em 11 de março de 2016.

⁵ Entrevista concedida por Gisela Ehlert à Andrea Messias, em 11 de março de 2016.

⁶ Entrevista concedida por Evaldo Thiel à Andrea Messias, em 11 de março de 2016.

a musealização da ausência, a partir da memória dos idosos.

Interessa esclarecer que este conceito, sistematizado para fins deste ensaio, assume uma semântica que se difere dos processos de musealização convencionais, geralmente associados a objetos e coisas que existem em materialidade. A título de exemplo, ao musealizar um rádio antigo, transformamos este artefato em referencial de uma realidade ausente – que pode apontar para uma família que se reunia outrora ao redor do rádio; para uma notável inovação tecnológica; para a forma como a comunicação era feita no passado, e assim por diante. A rigor, apesar de indicar um universo distante do olhar, o rádio existe em sua realidade física. Seria o invisível (subjetividade/imaginação) que se manifesta pelo referencial visível (objetividade/materialidade), seguindo a lógica de Pomian (1984). Mas como fazê-lo quando as materialidades, tal como eram, estão ausentes na paisagem, e presentes apenas no mapa cognitivo dos idosos? Neste caso, musealiza-se o invisível, o ausente, um espectro que ganha forma, contorno e peso por intermédio da performance museal. Os vazios presentes na paisagem são preenchidos com as reminiscências memoriais, mescladas aos restos de materialidades que insistem em permanecer no espaço. Esta justaposição de memórias residuais e sobras materiais, que de alguma sorte resistem ao tempo, oferece um lampejo de vida patrimonial àquilo que outrora assemelhava-se à morte. No mesmo compasso, como uma dobra no espaço-tempo, conecta o longe ao perto, o passado ao presente, os mortos à vida.

Por esta via, os alunos do 5º Ano do Colégio Nosso Senhor do Bonfim foram incentivados a pensar propostas de tornar visível o ausente. Como resultado, a turma propôs a fixação de placas em importantes lugares de memórias da Cidade de forma a comunicar aos moradores mais jovens e aos turistas as variadas camadas significativas dos locais. Uma das placas sugeridas pelas crianças diz respeito ao antigo tanque construído pelos moradores na Praça da Emancipação. O local que atualmente encontra-se em ruínas, esmaecido na paisagem, fora apresentado às crianças por idosos que, quando jovens, ajudaram a construir o tanque e utilizavam a água potável que existia no local para o próprio consumo. O tanque servia de local de socialização e também como meio manter o ofício das lavadeiras – muito difundido em épocas pretéritas.

Um cenário no qual as crianças apenas enxergavam a destruição de um patrimônio natural e de um lugar de memórias em decorrência da poluição ambiental e do abandono, foi totalmente modificado a partir da musealização da ausência ancorada nas memórias dos idosos. Na medida em que os relatos aconteciam, as crianças puderam imaginar jovens jogadores de futebol saciando a sede após a partida; ouvir lavadeiras conversando e cantando durante o seu ofício e perceber que muitos moradores carregavam a água do tanque para as suas residências. Por fim, após serem provocados, foram conduzidos a imaginar pessoas banhando-se no tanque e deixando resíduos dos piqueniques, como o início da degradação que existe atualmente no local.

Memória, musealidade e considerações

A interlocução entre museu, memória e senilidade ainda é um terreno a ser explorado, semeado e irrigado. Neste breve ensaio, de forma ainda exploratória, buscamos oferecer alguns caminhos para que essa discussão seja alargada, em uma rota necessariamente interdisciplinar. Refletir e, em especial, experimentar essa aproximação transforma o museu em um lugar onde pulsa a memória, em seu espectro social, político e humano. Contemplar os idosos nas ações museológicas implica em um movimento duplo, retroalimentado: de um lado o museu oferta a possibilidade de os idosos criarem narrativas, estimulando o trabalho de memória, e mantendo sua vitalidade; de outro, os idosos nutrem o museu com sumo vital: as informações que animam e dão sentido aos bens musealizados ou em processo de musealização. A intersubjetividade dessa troca afervora, na mesma medida, a percepção da musealidade, ou olhar museológico, que, de modo cíclico, gera novas demandas de criação de patrimônios.

Como já assinalado, os museus devem estar ocupados com a vida. Os objetos, as coisas, ganham renovado significado quando (re)conectados às teias valorativas, e (re)interpretados nos contextos em que são ou foram confeccionados, consumidos, apropriados e descartados. Em outros termos, a leitura museológica das coisas que povoam os museus devem ultrapassar sua epiderme (a manifestação material, objetiva) e invadir sua alma (campo dos significados, subjetivo). Esse exercício quando praticado com

idosos, considerando-os como fonte de conhecimento e informação, possibilita que a lente pela qual se observa as coisas ganhe potência; por essa lente é possível perceber a alma por detrás das coisas.

Ao serem observados, colocados em contexto e até manipulados – uma heresia para os mais ortodoxos – esses objetos são apropriados pelos idosos e se tornam gatilhos de memórias, por intermédio dos quais o passado encontra o presente, o corpo encontra a alma e os mortos se conectam com os vivos. Resta para os profissionais de museus compreender nesses objetos sua potência simbólica, como extensões das pessoas. Por esse viés: “Não são desse modo meros objetos. Se por um lado são classificados como partes inseparáveis de totalidades cósmicas e sociais, por outro afirmam-se como extensões morais e simbólicas de seus proprietários, sejam estes indivíduos ou coletividades, estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo cósmico, natural e social”. (GONÇALVES, 2007, p.215).

O caminho para desvelar esse horizonte não encontra eco em dicotomias, mas na confluência de pólos que podem até parecer opostos. Nessa rota, novo e velho não divergem antagonicamente: é a partir da conjunção desses sujeitos, de forma cooperativa, que conseguimos oxigenar nossas práticas. Todo esse movimento nos faz, naturalmente, refletir sobre as perspectivas teórico-metodológicas da área. Como pensar, nesse contexto, a ideia de pesquisa e documentação colocando um objeto em cima de uma mesa fria, tentando decifrá-lo (antes que ele o devore)? Seria, à moda shakespeariana, como olhar para o crânio e esperar que ele diga o que é ou deixa de ser. Como equacionar a tensão entre preservação e uso, quando para evocar as memórias os idosos precisam manipular e sentir o objeto? Quando pensamos em transformar a rua em objeto musealizado, como ficaria a política de aquisição e conservação desse bem em processo de musealização? Para alguns, a conservação ficaria a cargo de engenheiros de trânsito; para nós, pela ação de profissionais da memória.

Referências

- ARMADA, P. I. El valor terapéutico del patrimonio: el trabajo con enfermos de Alzheimer en el Museo Etnológico en Ribadavia. Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, Sevilla, n. 58, p.114-116, mayo 2006.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERNABEL, R. Arte tem efeito positivo em pacientes com Alzheimer. Veja.com, São Paulo, 14 out. 2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/arte-tem-efeito-positivo-em-pacientes-com-alzheimer>. Acesso em: 15 abril 2015.
- BEZERRA, D.B; LEBEDERFF, T.B. Velhice, identidade e memória: diálogos entre saúde e cultura a favor da manutenção de identidades. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão, n.13, p.60-70, jul./set.2013.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CANDAUI, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.1, n.1, p.43-58, jan/dez. 2009.
- GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond; MinC/Iphan/Demu, 2007.
- GONÇALVES, D.; ALBUQUERQUE, P.; MARTÍN, I. Reminiscência enquanto ferramenta de trabalho com idosos: vantagens e limitações. Análise Psicológica, Lisboa, v.26, n.1, p.101-110, jan. 2008.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431245>. Acesso em: 3 abril 2015.
- IZQUIERDO, I. Memórias. Estudos Avançados, São Paulo, v. 3, n. 6, , p. 89-112, mai/ago. 1989.
- IZQUIERDO, I. Memória. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- LAUTENSCHLAGER, E. L. S.; FIGUEIREDO JUNIOR, M. J. B.; SILVEIRA, K. V. B.; KNUTH, T. S.; RIBEIRO, D. L. Relatos sobre a concepção da exposição no Museu Histórico de Morro Redondo. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 21, 2012, Pelotas. Anais eletrônico... Pelotas: UFPel, 2012. Disponível em: http://www2.ufpel.edu.br/cic/2012/anais/pdf/CH/CH_01266.pdf. Acesso em: 9 mar.2016.
- LOPES, T.; AFONSO, R.; RIBEIRO, O. Impacto de intervenções de reminiscência em idosos com demência: revisão da literatura. Psicologia, Saúde & Doenças, Lisboa, v.15, n.3, p.597-611, dez. 2014.
- MANKE, L. S. Museu comunitário Morro-Redondense. In: GILL, L.A. (org.). Horizontes Urbanos. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2004. p. 236 -259

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi: memória-história. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

THOMSON, Al. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. São Paulo, Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, PUCSP, v.15, p.52-84, jul/dez.1997.

VAN MENSCH, P. Notas sobre arredores: patrimônio e novas tecnologias. Revista Musas, Rio de Janeiro, n.4, p.11-23, 2009.

DATA DE SUBMISSÃO: 28/09/2016

DATA DE ACEITE: 25/10/2016